



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE (DES) CORTESIA COMO MECANISMOS DISCURSIVOS DE PERSUASÃO EM INTERAÇÕES POLÊMICAS: O DEBATE POLÍTICO

Ana Paula Albarelli¹

Resumo: O presente estudo tem como propósito investigar quais mecanismos discursivos emergem do processo de gerenciamento da imagem em interações cujo foco incide no desacordo. Propusemo-nos a analisar o valor argumentativo das estratégias de descortesia e seus desdobramentos no debate político, no que se refere à adesão do auditório. Para isso, tomamos, como alicerce teórico, a teoria das faces de Goffman (1967), bem como teorias que contemplam a descortesia à luz da Pragmática Sociocultural, como as de Culpeper (2011) e de Kaul de Malargeon (2005). Ademais, consideramos as contribuições da Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a fim de apreender as concepções político-ideológicas que permeiam o discurso dos candidatos e, por conseguinte, que tipo de *ethos* emerge na interação.

Palavras-chave: Face; descortesia; argumentação.

Abstract: The purpose of the present study is to investigate the speech mechanisms that come out from the process of the image management in interactions where the target is the disagreement. So, the intention is to analyse the argumentation value and evolution of the impoliteness strategies in the political debate related to the audience approval. Then, our theoretical foundation is set on Goffman's faces theory (1967) as well as the impoliteness theories under Sociocultural Pragmatism, such as Culpeper's (2011) and Kaul de Malargeon's (2005). Perelman and Olbrechts-Tyteca's Argumentation Theory (2005) studies have also been taken into account in order to infer which ideological-political conceptions surround the candidates' speeches and what kind of *ethos* comes out in the interaction.

Keywords: Face; impoliteness; argumentation.

¹Doutoranda em Letras sob a orientação do prof. Dr. Luiz Antonio da Silva pela Universidade de São Paulo, USP.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

A linguagem, fenômeno social e histórico, reflete diferentes formas de conceber a realidade mediante práticas comunicativas diversas. Dentre esses modos, afigura-se a interação verbal, por meio da qual os sujeitos constroem e reconstróem a sociedade, atuando em tipos específicos de trocas verbais, das quais emergem modos distintos de interagir e, em decorrência disso, diversos recursos linguístico-discursivos. Trata-se, pois, de um fenômeno eminentemente social, por meio do qual os sujeitos agem sobre os outros à medida que interagem. Cada sociedade apresenta normas sociais que subjazem as interações verbais que, por conseguinte, repercutem nas escolhas discursivas dos interactantes. Essas escolhas revelam sua intencionalidade, bem como os modos de produção e recepção do discurso, decorrentes da imagem que se constrói acerca de seu público-alvo, bem como da imagem que se quer que esse mesmo público reconheça de modo positivo. Assim posto, a imagem é construída à medida que os sujeitos interagem, de modo semelhante à construção do texto falado, que se erige no exato momento em que é proferido.

Com o propósito de desvelar as representações ou os processos de figuração assumidos pelos participantes da atividade comunicativa, faz-se necessário, assim, investigar os possíveis efeitos de sentido emergentes do tipo de mecanismos linguístico-discursivos empregados pelos interlocutores em um texto falado: o debate político. Não obstante esse gênero aproxime-se mais da modalidade escrita da linguagem, pode-se afirmar que o debate é um texto oral, visto que há troca verbal de, pelo menos, dois falantes, os quais se alternam em turnos. (PRETI, 2001) No caso do presente objeto de análise, o debate político, há que se ressaltar que a escolha dos tópicos é relativamente “livre”, uma vez que é feita pelos candidatos, fato que acentua o conflito na interação.

De acordo com Goffman (1967), há, em todas as trocas comunicativas, risco de perda de ambas as faces (imagem) – a do falante e a do ouvinte – e, por conseguinte, um acordo tácito entre os interlocutores em negociar, ou seja, em gerir as faces ao longo da interação, num contínuo e complexo processo de cooperação. Esse processo de negociação é denominado como cortesia verbal. No entanto, segundo Goffman (1967), há tipos de interações específicas em que o propósito é justamente o oposto: o de entrar em conjunção



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

com o conflito. Trata-se do procedimento de pontualização, por meio do qual se busca a valorização da própria face em detrimento da imagem do outro. Nesses tipos de interação prevalecem, sobremaneira, atos de ameaça às faces, ao passo que os atos de cortesia instauram-se no discurso de modo a proteger a face do falante, sem que se lhe atribuam intenções altruístas.

A cortesia configura-se, assim, como um tipo específico de fenômeno pragmático, de cunho argumentativo, reconfigurando-se em função do contexto e das contingências das práticas comunicativas das quais emergem. Em outras palavras, em interações polêmicas, prevalecem atos de descortesia e atos de falsa cortesia, devido ao contexto interacional.

Assim, considera-se que a forma pela qual os participantes interagem depende da finalidade da interação, de sua natureza e, sobretudo, daqueles para os quais ela é destinada; fatores constitutivos do contexto extralinguístico.

No presente artigo, analisar-se-á, no debate político do segundo turno de 2014, exibido pelo SBT, o discurso dos candidatos Aécio Neves e da candidata e presidenta Dilma Rousseff e, em específico, os atos de (des) cortesia estratégicos, concebidos, neste estudo, como recursos argumentativos, em função dos quais se visa, por meio do conflito, erigir o *ethos* daquele que promove a “integração” do país, uma espécie de “salvador” da nação, frente à ameaça personificada pelo *antiethos* que se atribui ao governo do PT e da presidenta, candidata à reeleição. Em virtude de o ataque assumir o papel de estratégias argumentativas, haja vista o fato de que a ameaça à imagem cumpre, nesse tipo de interação, a finalidade persuasiva de denegrir a face do outro, cujo propósito é levar o auditório a crer num discurso e num *ethos* forjado mediante a polêmica, procede-se, ademais, à investigação dos mecanismos retórico-argumentativos de que se faz uso na interação em estudo.

Tomam-se, assim, como principal fundamento teórico a Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), assim como as contribuições da Pragmática Sociocultural, em que se inscreve a investigação acerca da (des) cortesia como estratégia.

1. Fundamentação teórica

As contribuições das teorias fundadoras



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Em meados da segunda metade do século XX, Erving Goffman (1967), sociólogo e precursor dos estudos acerca da interação, instaura a concepção de face, segundo a qual em todo e qualquer tipo de interação os participantes da atividade comunicativa têm sua imagem à mercê de ameaças de natureza diversas. Desse modo, os interlocutores dispõem de recursos preventivos e protetores com vistas a estabelecer o equilíbrio na interação. O emprego de recursos e mecanismos linguístico-discursivos diversos, nos processos de gestão das faces (*face work*) e de negociação na interação é denominado, nesses contextos, como cortesia. De acordo com Goffman (1967), cada interactante requer para si uma imagem pública (*face*), bem como o que denomina como “territórios do eu”.

A face corresponde à imagem social, ao conjunto de valores que cada sujeito reclama para si e que deseja ser valorizado e aceito pelos outros (*face want*). Já o território pessoal diz respeito ao desejo dos sujeitos de não terem sua privacidade tolhida por atitudes invasivas, nem de que sua liberdade de ação seja cerceada por quaisquer atos. Posteriormente, essas noções são apropriadas e reconfiguradas como face positiva e negativa, respectivamente, por distintos teóricos, entre os quais estão Brown e Levinson (1987), cujo modelo de análise acerca das estratégias de cortesia serviu como base para inúmeras pesquisas orientadas para a investigação da face e da (des) cortesia na interação verbal. Ademais, com os estudos de Brown e Levinson (1987), os atos de ameaça passam a ser denominados como FTAs (*face threatening acts*).

A (des)cortesia à luz da Pragmática Sociocultural

Por muito tempo, a descortesia fora tratada ora como a ausência da cortesia, ora como a violação das regras de cortesia. Com os estudos de Eelen (2001) e Culpeper (2011), dentre outros; a descortesia é, enfim, considerada consoante suas próprias regras. Para esses estudiosos, a descortesia assume função estratégica, afigurando-se, em determinados contextos de interação, como recurso argumentativo em interações polêmicas. Vale lembrar que, em algumas trocas verbais, o emprego da descortesia configura-se em estratégia de identificação dos sujeitos em determinados grupos sociais e, sobretudo, como recurso de aproximação entre os falantes. Nesses contextos, cabe observar que a descortesia reconfigura-se consoante regras de ordem contextual, neutralizando-se em função do tipo de interação,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

bem como da interpretação que se lhe atribuem os falantes. Por essa razão, avaliar um fenômeno linguístico sem que se observe a influência do contexto e seus desdobramentos na interpretação e configuração de um ato como ameaçador ou não consiste em relegar a linguagem tão somente no âmbito frasal, cuja análise prescinde, com efeito, de fatores extralinguísticos, tais como a competência de interpretação do ouvinte, a relevância das relações interpessoais – entre falante e ouvinte, dentre outros.

Assim, para Culpeper (2011), a (des)cortesia emerge da confluência de aspectos semânticos e discursivos. A concepção de que os atos de cortesia e descortesia inscrevem-se na interação sob a forma de estratégias, atuando, desse modo, como recursos argumentativos, permeia o trabalho de outros teóricos, para os quais um ato se configura como cortês ou descortês em função de fatores contextuais. De acordo com Bolívar (2005), é possível reconstruir padrões de comportamento que reforçam e asseguram concepções e visões de mundo cujo propósito é o de se alcançar algo, a saber, a garantia de conduzir o auditório à adesão.

La descortesia merece una atención especial en el macro diálogo político porque tiene un valor ideológico y puede usarse con diferentes funciones estratégicas en la interacción política [...] (BOLÍVAR, 2005, p. 280)”

Bravo (2005) e Brenes (2011) distinguem o que denominam como Pragmática Formal da Pragmática Sociocultural, a qual é designada como variacionista, no que se refere à investigação do fenômeno da cortesia e da descortesia:

El foco del análisis pasa del enunciado y a las cadenas de actos interdependientes a la descripción de la “realidad social del usuario”, de lo cual se dará cuenta al usar el lenguaje en relación a un ‘entorno’ que incluye lo lingüístico y extralingüístico. (BRAVO, 2005, p.23)

La característica esencial de estos fenómenos es la variabilidad: dependiendo de cuales sean las normas de comportamiento ya los factores socioculturales y contextuales que rigen una situación comunicativa concreta, un mismo elemento lingüístico o situación comunicativa concreta, un mismo elemento lingüístico o construcción sintáctica podrá situarse en lugares diferentes de este gradatium, esto es, será portador de un valor cortés, neutro o descortés. (BRENES, 2011, p. 60)

O fenômeno da (des) cortesia é calcado, pois, na variabilidade. Trata-se de tipos específicos de comportamentos regidos tanto pela escolha dos elementos linguísticos, tanto pelas contingências sociais e, deste modo, por elementos extralinguísticos que perfazem as



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

trocas verbais. Há que se ressaltar que a escolha dos tópicos, bem como dos elementos lexicais inscreve os falantes num tipo de atividade de coautoria, visto que a intencionalidade do falante encontra-se imbricada na imagem que se constrói do ouvinte e, por conseguinte, de si mesmo. Em outras palavras, nenhum ato de linguagem é neutro e, em decorrência disso, assumem facetas distintas: são variáveis e resultam do tipo de relação interpessoal estabelecida entre os interactantes.

A descortesia de fustigação

Em seus estudos acerca da descortesia verbal, Kaul de Malargeon (2005) apresenta duas formas de agir em ambientes de interação em que prevalece a polêmica, a partir das quais os sujeitos procedem ao ataque (FTA) à imagem alheia, na medida em que se aproximam de um grupo ao qual pertencem e com o qual comungam concepções ideológicas. Trata-se da noção de afiliação exacerbada.

O ataque à face alheia se dá, ademais, em decorrência da autonomia em relação às posições contrárias ao grupo com o qual os sujeitos da interação entram em disjunção. Nesse caso, observa-se, segundo a Kaul de Malargeon (2005), a autonomia exacerbada ou a refratariedade. Em outras palavras, de acordo com a autora, no momento em que um interlocutor vincula-se de modo exacerbado a um grupo específico, passa, por conseguinte, a ameaçar o outro, porque seu opositor apresenta-se de forma autônoma em relação ao grupo do qual faz parte. No presente estudo, considera-se que o processo de conjunção ou de disjunção, no que se refere às ideias e concepções de mundo postuladas por um dado grupo - a que os sujeitos se opõem ou ao qual se afiliam - desvela esquemas de representações e procedimentos de figuração diversos – a saber, a gestão das faces dos interactantes – que, por sua vez, engendram determinadas práticas discursivas. Essas práticas discursivas acarretam na escolha de estratégias de ataque ou falsa cortesia distintas que emergem da afiliação exacerbada ou da autonomia exacerbada (refratariedade) dos interlocutores em relação a um grupo social.

Nesse sentido, cumpre observar quais tipos de mecanismos de natureza retórico-pragmática configuram-se em atos de autonomia ou de afiliação exacerbadas. Há, por exemplo, casos em que a autonomia em relação ao grupo ao qual um sujeito se opõe se dá por



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

meio de estratégias de ataque *ad hominem* às faces negativas e positivas do interlocutor e, em contrapartida, ainda no mesmo turno, mediante o emprego de atos de valorização da própria imagem. As escolhas linguísticas, assim como o tópico do qual se trata, conferem ao discurso conotações distintas, condicionadas por fatores extralinguísticos. Por essa razão, procedemos à investigação dos tipos de mecanismos retórico-pragmáticos que permeiam o discurso dos interlocutores cujo intento é a construção de um *ethos* que instigue credibilidade em um ambiente de interação em que prevalece o emprego agressivo do trabalho de face (GOFFMAN, 1967).

As contribuições de Perelman e Olbrechts- Tyteca

Os estudos acerca da imagem remontam à retórica aristotélica. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) resgatam diversos conceitos da retórica aristotélica, entre eles, o de auditório, bem como mecanismos por meio dos quais o orador busca a adesão à suas teses. No que tange às provas do discurso, postuladas por Aristóteles, observam-se três mecanismos de convencimento, resgatados no Tratado (2005), cujo uso produz efeitos de persuasão: o *ethos* - que diz respeito ao caráter do orador – construído mediante o discurso; o *logos*, que se configura no discurso propriamente dito, ou seja, na articulação e organização dos argumentos; e o *pathos*, que diz respeito às emoções suscitadas no auditório. Reboul (2004) define o conceito de *ethos* da seguinte forma:

O *ethos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança. (REBOUL, 2004, p.48)

Acerca do *ethos*, há que se acrescentar a existência de um *ethos* prévio ou pré-discursivo, que remete a conhecimentos prévios a respeito do orador.

Se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale (MAINGUENEAU, 2008, p.71) [...] Parece, pois, necessário estabelecer uma primeira distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. (MAINGUENEAU, 2008, p.71)

Outro conceito apropriado por Perelman e Olbrechts- Tyteca (2005) diz respeito às crenças ou ao senso-comum, denominada *doxa*, recurso argumentativo por meio do qual o orador busca convencer seu auditório a crer em algo para, por fim, conduzi-lo a fazer, momento em que o persuade. Em outras palavras, cumpre assinalar que os autores



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

distinguem, portanto, convencer de persuadir. Quanto aos tipos de argumentos, elencam-se três grandes grupos: os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, e os argumentos que fundamentam a estrutura do real.

Há, ainda, outros recursos discursivos, como as figuras, conceitos oriundos da retórica que, no Tratado de Argumentação, assumem força persuasiva. Trata-se de argumentos e não mais de figuras de ornamento ou instrumentos estilísticos, mas mecanismos argumentativos. Dentre os argumentos apresentados, considerar-se-ão, em suma, nesta análise, os argumentos quase-lógicos, na medida em que são empregados de forma significativa no discurso político, devido à força persuasiva que se erige em razão de sua semelhança com o raciocínio matemático e com a lógica formal.

Acerca da confiança, há que se ressaltar algumas considerações acerca do *ethos*, segundo Fiorin, o qual resalta a existência de três tipos de *ethé*: a *phrónesis*, a *areté* e a *eunóia*, conceitos oriundos da retórica aristotélica, como os quais o orador intenta obter a confiança de seu auditório:

Podemos, então, ter três espécies de *ethé*: a) a *phrónesis*, que significa o bom senso, a prudência, a ponderação [...]; b) a *areté*, que significa a virtude [...], portanto, a coragem a justiça, a sinceridade[...]; c) a *eunóia*, que significa a benevolência e a solidariedade; [...] o orador dá uma imagem agradável de si, porque mostra simpatia pelo auditório (FIORIN, 2008, p. 140).

Ora, se o *ethos* consiste numa forma específica e singular de comportar-se, cuja finalidade é inspirar a confiança no auditório, com vistas à persuasão, pode-se afirmar que, para Aristóteles, esse caráter emerge do discurso. Em outras palavras, o *ethos* advém das práticas discursivas. O orador deve, pois, inspirar confiança, por meio de técnicas argumentativas (*techné*) com as quais o público se identifique e às quais confira credibilidade. E é, justamente, em função de sua adesão – mediante os conhecimentos que se tem a seu respeito - que o orador constrói seu próprio caráter – o qual, reiteramos, é forjado, sobretudo, mediante o discurso².

2. Análise do corpus

² Barthes define o *ethos* da seguinte forma: “São os traços de caráter que o tribuno deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão[...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, afirma: sou isso e não aquilo. (BARTHES, 1986, p. 203).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

No primeiro turno da candidata à presidência, Dilma Rousseff, o qual dá início ao debate, observam-se, de forma clara, atos de descortesia por autonomia exacerbada, na medida em que a locutora expõe recursos diversos para assegurar sua oposição ao grupo do qual seu oponente faz parte, ao passo que apresenta, em contrapartida, mecanismos de natureza retórica, cujo propósito é o de posicionar-se em favor do grupo ao qual se filia. Observe-se o exemplo:

Dilma Rousseff: [...] eu...sou...defensora de um modelo diferente para o Brasil do que governou antes...até...2012...um Brasil que emprega ao contrário de um Brasil que desemprega...um Brasil que cria oportunidades iguais para todos contra um Brasil da exclusão e um Brasil da desigualdade...um Brasil...que vai governar pra todos...contra um Brasil que não foi governado pra todos...eu faço parte de um projeto... que resgatou...36 milhões de brasileiros da pobreza...tirou-os do mapa da fome e elevou 42 milhões as classes médias...

Vale ressaltar que a presidenta recorre à *arethé* e à *phronesis*, na busca de traçar o *ethos* da candidata cujo discurso inscreve-se na benevolência com o auditório, na medida em que funda seus argumentos visando à construção de uma imagem à qual se atribuam valores que remetam à justiça social, haja vista o fato de que a presidenta ressalta, sobremaneira, a maneira pela qual se faz justiça: por meio da investigação dos atos de corrupção de todos, conforme corrobora o trecho a seguir.

Cabe observar que a candidata erige um discurso calcado na construção do *ethos* daquele que faz justiça, em virtude das investigações, o qual remete à ideia de força. Observam-se ataques à face positiva de Aécio Neves, bem como à do partido do qual o candidato faz parte. Trata-se do emprego da descortesia de fustigação (Kaul de Malargeon, 2005), a partir da qual a presidenta rechaça a imagem do grupo oponente e de seus membros, ao passo que faz uso do pronome inclusivo nós, o qual agrega um “Eu”, no caso, a presidenta, e um nós, que diz respeito ao seu governo. Trata-se, pois, da afiliação exacerbada ao grupo em detrimento do grupo oponente.

Dilma Rousseff: o meu compromisso é investigar e punir...aqueles governos que não investigam...não acham candidato assim como agora...quando a gente pergunta onde está...e qual foi a quantidade de recursos passados para...as três...rádios...e um jornal mineiro que...o senhor detém em Minas Gerais não há transparência...não há informação...esse candidato...é essa a diferença entre nós...eu investigo...eu investigo...e construo as provas para punir...

Ao contrapor-se às concepções político-ideológicas do grupo antagônico (descortesia de fustigação por autonomia exacerbada), observa-se que a candidata procede, ademais, ao



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

emprego de argumentos quase-lógicos³, por meio da comparação e da apresentação de dados estatísticos. Recorre-se, sobremaneira, à figura de presença, por meio da repetição, a fim de reforçar na memória do auditório a contraposição entre as posições do projeto político e econômico do qual a candidata faz parte, bem como as concepções ideológicas postuladas pelo projeto político de seu oponente, Aécio Neves, cujo grupo, o PSDB, é rechaçado de maneira indireta, uma vez que a candidata não menciona o partido adversário de forma clara, não obstante faça referência ao governo que antecedeu o PT na presidência:

Dilma Rousseff: [...] eu...sou...defensora de um modelo diferente para o Brasil do que governou antes...até...2012...um Brasil que emprega ao contrário de um Brasil que desemprega

[...] eu faço parte de um projeto... que resgatou ...36 milhões de brasileiros da pobreza...tirou-os do mapa da fome e elevou 42 milhões as classes médias...”

Observa-se, ademais, a tentativa clara de marcar aproximação e comprometimento da locutora em relação às proposições apresentadas ao auditório, visto que é justamente por meio do comprometimento da candidata, evidenciado pelo uso do pronome de primeira pessoa, que se reforça sua afiliação exacerbada ao grupo de que faz parte – sobretudo às suas concepções político- ideológicas: Eu sou defensora de um modelo diferente [...] e no excerto “Eu faço parte de um projeto [...]”. Cabe ressaltar que o uso do pronome, neste estudo, configura-se em um tipo de estratégia que ora aproxima os candidatos de suas proposições, ora os distancia. Isso se deve a fatores de ordem interacional e, por conseguinte, argumentativos. Trata-se de mecanismos de gestão das faces frente aos atos de ameaça (FTAs), orientados às faces positiva e negativa de ambos. Não obstante em certos trechos os candidatos aproximem-se das teses apresentadas, em diversos trechos do debate, verificam-se afastamentos mediante o emprego do pronome nós, tanto de modo inclusivo como exclusivo.

Ocorre que o pronome nós assume papéis distintos, atuando no discurso de modo estratégico, com vistas à proteção da face. Os efeitos de sentidos decorrentes do emprego do pronome emergem consoante às regras da interação e, sobretudo, em virtude de fatores contextuais, a saber: as intenções dos falantes, seja a de salvaguardar a imagem pública ou para rechaçar o adversário – atrelando-lhe a imagem a um grupo desprovido de popularidade

³Conforme postulam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), os argumentos quase- lógicos assemelham-se às deduções, à lógica. Busca-se, por meio dessa semelhança, obter-se força de persuasão e, por conseguinte, a adesão do auditório.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

– ou mesmo como forma de aproximação do auditório, no que tange à (re)construção do *ethos* discursivo. Observe-se o excerto:

Aécio Neves: agradeço ao SBT... cumprimento... a candidata...e digo ao telespectador... que quero sim ser presidente da república e me preparei pra isso... porque o Brasil não pode viver mais quatro anos de tamanho desgoverno...eu quero sim...assumir a presidência da república...para combater a inflação e não para me conformar com ela...eu quero ser presidente da república para enfrentar a questão da crime-na-lidade e não transferir essa responsabilidade para estados e municípios...eu quero ser presidente da república não para dividir de forma PERversa ((ênfase)) e pouco generosa o Brasil entre nós e eles...eu quero ser o presidente da grande integração nacional presidente da generosidade para os brasileiros que mais precisam...da integração do Nordeste...

O primeiro turno de Aécio apresenta estrutura semelhante ao de Dilma, conquanto o candidato empregue estratégias de descortesia de fustigação de modo mais incisivo, visto que se refere de forma mais clara à imagem da presidenta e do seu governo. Vale ressaltar que, assim como Dilma, Aécio faz uso de figuras de presença, repetindo, sobremaneira, o verbo querer, numa tentativa de reforçar seu desejo de tornar-se presidente. Em consonância com suas propostas políticas, emergem as críticas ao governo da oposição, reforçadas pelo apelo ao mesmo argumento quase-lógico empregado pela candidata Dilma, a comparação, a partir da qual o candidato articula seus atos de descortesia:

Aécio Neves: eu quero sim...assumir a presidência da república...para combater a inflação e não para me conformar com ela...

Ademais, cumpre observar o uso do pronome nós, cujo uso visa a assegurar a construção do *ethos* de político “salvador” da nação, em detrimento do *antiethos* que se atribui ao governo de Dilma. Trata-se do *ethos* de presidente da “integração do Brasil”, daquele que intenta promover a junção de um grupo construído por um “nós” e por um “eles”. Nesse caso, o emprego do pronome “eles” sugere um grupo que não se agrega ao “nós”, do qual o candidato faz parte e no qual pretende incluir o auditório. A análise do turno aponta que Aécio alude à ideia de polarização do país, em razão da qual o candidato busca a integração do Nordeste.

Ao ressaltar a necessidade de integração do Nordeste, Aécio infere que essa região não se incorpora ao pronome “nós” e, portanto, ao grupo do qual o candidato e seus eleitores fazem parte. Desse modo, de modo implícito, observa-se um ato de falsa cortesia: integrar uma região e um grupo que não se encontra, de fato, desvinculado do restante do país, salvo



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

por razões de ordem ideológica que parecem permear o discurso do candidato. Nesse sentido, ao expor a necessidade de integração do Nordeste, Aécio ameaça a face dos nordestinos.

Trata-se de um recurso, por meio do qual o candidato visa convencer o auditório – mediante a autonomia exacerbada em relação ao governo vigente que, segundo o candidato, dividiu o país. Vale lembrar que a menção da integração do Nordeste remete às polêmicas que permearam as eleições presidenciais de 2014, segundo as quais os nordestinos perfaziam o grupo majoritário de eleitores da candidata à reeleição. Discursos agressivos de partidários de Aécio Neves contra os programas sociais apresentados pelo PT propagaram-se nas redes sociais, agregando adeptos. Para vincular seu discurso às crenças e valores compartilhados por um determinado grupo, para o qual o Brasil encontra-se, de fato, polarizado, em função das medidas adotadas pelo governo de Dilma, Aécio Neves busca sua adesão mediante o uso do pronome “nós” exclusivo, na medida em que exclui aqueles que não compactuam com suas concepções ideológicas, no caso, o grupo representado pelo pronome “eles”.

No entanto, observa-se que essa exclusão é propositada, visto que as intenções do candidato consistem em fomentar um discurso calcado num país polarizado para, em contrapartida, promover o discurso da integração. Nesse sentido, o propósito de empregar-se o pronome é a criação de efeitos de sentidos decorrentes da conotação de ameaça que esse termo garante ao discurso de Aécio, atuando, pois, como estratégia de descortesia por fustigação (Kaul de Malargeon, 2005), haja vista que Aécio recorre à autonomia exacerbada em relação ao grupo oponente e ao *antiethos* que atribui à candidata Dilma Rousseff.

A escolha lexical atua de modo a fomentar um discurso de repulsa em relação ao governo vigente e suas práticas, as quais são, conforme o candidato, “perversas”. Os ataques à face positiva da oponente são reforçados pelas acusações – argumentos *ad hominem* – de promover a desintegração do país, bem como de articular formas de governar que se sobrepõem às instituições republicanas:

Aécio Neves: se a senhora acha que houve tantos crimes cometidos no governo do PSDB a senhora lista aqui vários deles vocês governaram o Brasil por 12 anos candidata...por que que a senhora não investigou...por que que a senhora não fez novas denúncias...porque não existiu o que investigar ou então a senhora prevaricou...se a senhora está dizendo aqui...agora no momento da reeleição que foram cometidos crimes que não foram investigados...a sua responsabilidade era denunciá-los ...o Ministério Público que não pertence ao seu governo...ou a Polícia Federal...que não pertence ao seu governo...são instituições de estado...fizessem a investigação...e não coloque palavras na minha boca nem do meu partido...



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Aécio Neves: O PT tem uma mania candidata...enfim...que simplesmente alguém é dono dos programas...ninguém é dono desse Brasil...

A análise do trecho aponta a tentativa de atribuir ao partido da oponente, o PT, a imagem de um partido totalitário, que se sobrepõe às instituições e, por conseguinte, à presidenta. Vale ressaltar que a maneira pela qual o discurso de Aécio Neves se articula sugere que suas intenções são a de aludir ao *ethos* prévio da candidata oponente e de seu partido, que, como apontam as acusações do candidato à presidência, apresentam posições político-ideológicas de cunho totalitário. Nesse sentido, observa-se a tentativa do candidato em atrelar a imagem da candidata a governos totalitários, calcados em formas de governar que se opõem, conforme as acusações do candidato, à democracia. Desse modo, há que se ressaltar que Aécio Neves calca seu discurso (*logos*), ou seja, articula sua argumentação na *doxa* que presume ser assumida por boa parte dos eleitores: a de que governos totalitários são “perversos” e promovem a ameaça às instituições, bem como ao estado de direito.

O fato de promover esse tipo de discurso, marcadamente axiológico e calcado no “medo” evidencia a intenção de fomentar a ideia de que o governo do PT é, além de perverso, perigoso, no que tange à liberdade e à garantia das instituições democráticas. Tomando como ponto de partida essa vertente no que concerne à escolha dos tópicos, cuja temática é a de atacar a face da oponente, procedendo à apresentação de dois Brasis, verifica-se que Aécio busca construir o *ethos* do presidente que promoverá a integração nacional, conforme aponta o trecho seguinte:

Aécio Neves: eu quero ser candidato a presidência da república porque os indicadores sociais...pioraram nesses últimos anos...a saúde piorou...a educação piorou...e a criminalidade aumentou[...] eu quero ser candidato... eu sou candidato e quero ser presidente da república porque construí[...] ao longo dos últimos anos um projeto pro Brasil...um projeto que não é de um partido político...**um projeto generoso**...um projeto de união de integração nacional...

3. Considerações finais

Este artigo teve como propósito investigar os mecanismos discursivos empregados pelos interactantes em um tipo de interação em que prevalecem relações de descortesia verbal. O *corpus* constitui-se de um debate, cujo formato revela um tipo específico de interação pautada no emprego agressivo do trabalho de face, em que prevalecem FTAs, por meio do qual os interlocutores fazem uso de recursos discursivos distintos com o objetivo de denegrir



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ou explorar a face do outro, a fim de obter a adesão do auditório. Trata-se da descortesia de fustigação. As concepções político-ideológicas divergentes colaboraram, sobremaneira, para a escolha desse debate como *corpus*, uma vez que a polêmica da polarização ideológica que se circunscreve na interação mostrou-se um aspecto pertinente a ser analisado.

O estudo aponta um *ethos* marcadamente axiológico, no que diz respeito ao discurso de Aécio Neves, cuja pretensão, conforme indicam as análises, é a de pautar suas escolhas discursivas na construção da imagem do candidato que se define como aquele que promoverá a integração de dois “Brasis”. Foram observadas, ainda, inúmeras ocorrências de apelo ao *pathos*, por parte de ambos os candidatos. Dilma Rousseff buscou, por meio de argumentos quase-lógicos, apresentar duas concepções ideológicas distintas, representadas por dois modelos político-econômicos antagônicos, ao passo que Aécio Neves apropriou-se de um discurso calcado no bem e no mal, na medida em que se refere ao governo de sua oponente como um governo “perverso”, atacando, sobremaneira, sua face positiva.

A construção do *ethos* de um candidato à presidência, cujo papel é o de resgatar um país supostamente dividido, conforme mostram as análises, corrobora o fato de que Aécio apela, sobremaneira, para as emoções do auditório – o *pathos* – de modo a fomentar o medo, em virtude de ressaltar a possibilidade de que o governo vigente sobrepõe-se às instituições de direito. Em suma, propusemo-nos a analisar de que modo as estratégias de (des)cortesia afiguram - se como estratégias argumentativas, a fim de colaborar com os estudos acerca da polêmica e da descortesia verbal compreendidas, neste estudo, como recursos de natureza retórico-pragmática.

Referências bibliográficas

BROWN, Penélope e LEVINSON, Stephen C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BARTHES, R. *A retórica antiga*. In: COHEN, J. et al. *Pesquisas de Retórica*. Trad. Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.

BRENES, Ester Peña. *Descortesía verbal y tertulia televisiva*. 2011.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness Using language to cause offence*. Lancaster University. Cambridge University Press, 2011.

EELLEN, Gino. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Atica, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays in face to face behavior*. Chicago: Aldine Pub.Co.,1967.

KAUL de MALARGEON, Silvia. Descortesía de fustigación por afiliación exacerbada o refractariedade: El discurso tanguero de la década del 20. In: BRAVO, Diana. (Org.). *Estudios de la (des)cortesía en español: Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos*. Buenos Aires: Dunken, 2005,p. 299-318.

MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia e incorporação*. Trad. Sírio Possenti. In: AMOSSY, R. (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

PERELMAN, Chaïm. e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

REBOUL, O. *Introdução à Retórica*.2.ed. Martins Fontes, 2004.